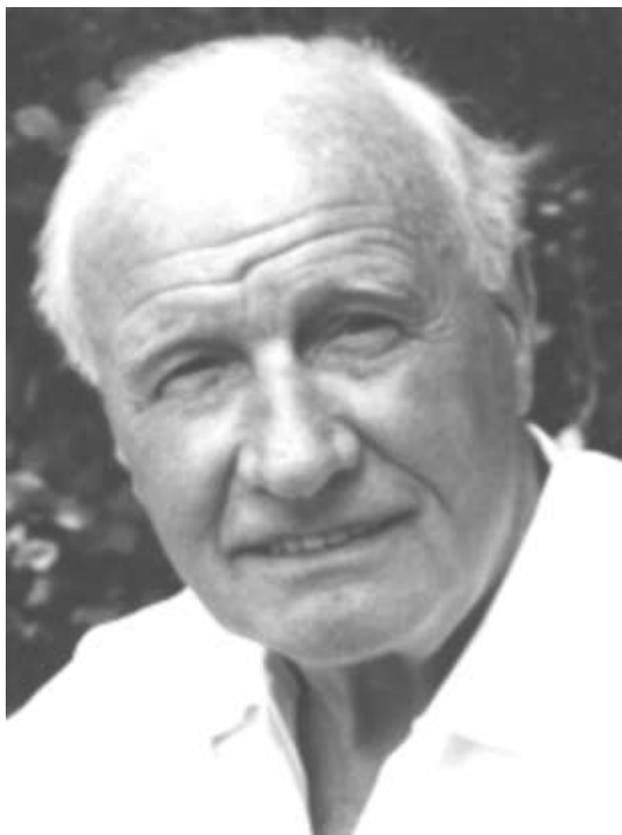


Apresentação do dossiê: Josef Pieper, Paul Ricoeur e a educação

Jean Lauand & Rui Josgrilberg

Este volume de *International Studies on Law & Education* é dedicado a Josef Pieper (1904-1997) e Paul Ricoeur (1913-2005), dois dos mais importantes pensadores de nosso tempo, que foram – cada um segundo sua orientação – de especial interesse para a antropologia filosófica e a filosofia da educação.

A nota distintiva do filosofar de Pieper, catedrático de Antropologia Filosófica na Universidade de Münster, onde lecionou por mais de 50 anos, é a de repropor os grandes temas da antropologia e da educação, revitalizando-os a partir do diálogo com os patriarcas da tradição ocidental e da filosofia cristã: Platão, Aristóteles, Agostinho e, sobretudo, Tomás de Aquino (1225-1274).



Josef Pieper

Para Pieper o interesse dos clássicos antigos e medievais não é meramente “histórico” (e menos ainda “arqueológico”...), mas, tendo-os compreendido profundamente, procura trazer para o debate contemporâneo o frescor e vigor de suas ideias, evidenciando sua extrema atualidade.

Orientando-se por Tomás de Aquino, em quotidiano diálogo com suas obras ao longo de oito décadas, Pieper mostra a imensa abertura do verdadeiro pensamento do Aquinate e, portanto, a impossibilidade de um “tomismo”: o absurdo pretendido por tantos epígonos de querer reduzir essa abertura (ademais in-formada pelo “mistério”, outra grande característica do genuíno filosofar cristão...) a um “ismo”, a um “sistema” fechado e escolar de manuais “tomistas”, tendência tão frequente em certos setores eclesiásticos “conservadores”.

Pieper como fiel intérprete de Tomás, nos mostra essa sua abertura e grandiosidade também no campo a que lhe reservamos neste dossiê: a moral e as virtudes.

Assim, para o filósofo de Münster, a moral, longe de ser um manual de regrinhas de boa conduta é, antes e acima de tudo, conhecimento sobre o homem. E a moral cristã reside na imagem verdadeira do próprio homem, em seu ser relacional.

Precisamente a este tema, Pieper aplica uma de suas regras prediletas na interpretação de autores antigos: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...!). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (para usar a linguagem orteguiana), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” –, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante os saltos lógicos e as brechas que – *para nós* – o texto apresenta. Tomemos um exemplo modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “- Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo num colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigencia* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigencia* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “- Que pena ter de pagar para ter um ensino de qualidade!”

Precisamente um desses essenciais invisíveis – na base da temática do presente dossiê – , evidente para Tomás de Aquino (mas não para nós), é o indicado por Pieper (2010, p. 8) :

La segunda parte de la *Summa theologica* del Doctor Común de la Iglesia, que se refiere a la Teología moral, comienza con esta frase:

«Puesto que el hombre fue creado a semejanza de Dios, después de tratar de Él, modelo originario, nos queda por hablar de su imagen, el hombre». Sucede con esta frase lo que con tantas otras de Santo Tomás: la evidencia con que la expresa, sin darle gran relieve, oculta fácilmente el hecho de que su contenido no es de ningún modo evidente. Esta primera proposición de la Teología moral refleja un hecho del que los cristianos de hoy casi han perdido la conciencia: que la moral es, sobre todo y ante todo, doctrina sobre el hombre; que tiene que hacer resaltar la idea del hombre y que, por tanto, la moral cristiana tiene que tratar de la imagen verdadera del mismo hombre. [...] Sin embargo, la moral, y sobre todo su enseñanza, perdieron después, en gran parte, estas perspectivas por causas difíciles de comprender y aquilatar, hasta tal punto que incluso aquellos textos de Teología moral que pretendían estar expresamente escritos según el espíritu de Santo Tomás diferían de él en este punto capital. Esto explica algunas causas del porqué al cristiano medio de hoy apenas se le ocurre pensar que en moral pueda conocerse algo sobre el verdadero ser del hombre, sobre la idea del hombre. Al contrario, asociamos el concepto de moral la idea de una doctrina del hacer y, sobre todo, del no-hacer, del poder y no-poder, de lo mandado y lo prohibido. La primera doctrina teológico-moral del Doctor Común es ésta: «La moral trata de la idea verdadera del hombre».

Apoiado nessa base teórica, o artigo “Josef Pieper: a educação para o máximo do ser (e algumas tradições)” procura mostrar precisamente como essa base ontológica da moral é, de algum modo, compartilhada por diversas tradições (da nossa tupi às do extremo Oriente), que ligam a ética à máxima realização do ser humano.

O artigo “Educação para a virtude – O Tratado sobre a Prudência, de Josef Pieper” de Roberto Castro, grande especialista em Pieper em nosso meio, busca recuperar a primazia da esquecida virtude da *prudencia*, para a plenitude humana e para a educação.

Chie Hirose em “Nelson Mandela, a abertura para o outro e a educação pieperiana para a Justiça” foca na figura do grande líder sul africano, como personificação do *ubuntu*, a abertura para o outro e a importância da aprendizagem pelo viés relacional. A autora é um raro caso de união de pesquisas de avançado nível acadêmico com a atuação cotidiana em sala de aula de Ensino Fundamental de escola pública.

Berthold Wald, designado pelo próprio filósofo como administrador de seu legado, faz uma apresentação do papel do filosofar cristão de Pieper no mundo moderno; do Papa Bento XVI (Joseph Ratzinger sempre foi um grande estudioso da obra do catedrático de Münster), a carta que escreveu para o “Centro de Estudos Josef Pieper”; e, para fechar a parte pieperiana do dossiê, o clássico da filosofia de Educação de Pieper “O que é uma universidade?”

Paul Ricoeur foi professor em Estrasburgo, em Paris (Sorbonne e Paris Nanterre), e sucedeu Tillich em sua cátedra na Universidade de Chicago. Sem abdicar da tradição reflexiva francesa promoveu uma reinterpretação de Husserl na direção de uma fenomenologia hermenêutica. Sustenta uma integração indissolúvel entre a

fenomenologia eidética, de inspiração husserliana, e a hermenêutica, de inspiração heideggeriana. Suas preocupações existenciais, inspiradas em Gabriel Marcel e Jean Nabert, giram em torno do valor da pessoa humana e sua formação ética. Apesar dessas inspirações seu caminho traz a marca de uma contribuição profunda e original muito importante na filosofia contemporânea.



Paul Ricoeur

Suas obras principais são indicativas de seu percurso. Durante o cativeiro em um campo de concentração na Alemanha (preso como oficial francês) prepara obras sobre Gabriel Marcel e Karl Jaspers, traduz as *Ideias I* de Husserl para o francês com abundantes notas.¹

Um dos eixos de articulação de sua obra é a questão da imaginação. A professora M. G. de Azevedo e Castro divide a obra de Ricoeur em três períodos: o fenomenológico antropológico, o hermenêutico e o ético-ontológico. O primeiro período é centrado na questão da imaginação e a vontade, e tem como obras fundamentais *Une philosophie de la volonté*: v. I, *Le volontaire et l'involontaire* (1950), v. II, parte I, *Finitude et culpabilité* (1960), e parte II, *L'homme faillible* e *Symbolique du mal* (1960). O segundo período é subdividido num primeiro momento em que Ricoeur se volta para a imaginação e a hermenêutica do símbolo, e no qual publica *De l'interprétation: essai sur Freud* (1965) e *Le conflit des interprétations, essai d'herméneutique I* (1969). O segundo momento em torno da imaginação hermenêutica é caracterizado pela interpretação metafórico-narrativa e tem como obras principais *La métaphore vive* (1975) e *Temps et récit I* (1983), II (1984) e III (1985). O terceiro período mais voltado para as questões ético-ontológicas, giram em torno de obras importantes como *Soi-même comme un autre* ((1990), *La critique et la conviction* (1995), *Le juste* (1995). (Azevedo e Castro, p. 18)

¹ Oferece um curso de Filosofia durante o período da prisão (1940-1945), junto com Mikel Dufrenne e outros; esse curso é o único ministrado em um campo de concentração e depois reconhecido oficialmente pelo governo da França.

Os dois textos que apresentamos aqui sobre Ricoeur tratam da questão hermenêutica, ambos vinculados à questão da imaginação hermenêutica. O primeiro texto, do Dr. Vitor Chaves de Souza, tem como ponto central a hermenêutica das origens vista nas narrativas míticas. O título é muito sugestivo: *Tempo e templo: uma intersecção originária de sentido*. Para o autor a contraposição entre o que produz sentido e a perda de sentido pode ser considerada como o entrelaçamento entre o símbolo e o niilismo. O símbolo acumula uma sobrecarga de sentido. O raciocínio puramente conceitual pode conduzir a uma progressiva perda de sentido.

A questão é crucial para o enfrentamento da crise que vivemos. É crucial para a educação. Parece que carecemos de símbolos autênticos e profundos. A questão do sentido é a outra face da questão do tempo. E o autor encontra na relação entre tempo e templo apontada por Usener e explorada por Eliade, um fator originário (não apenas em termos de antecedência no tempo) para pensar a existência como uma questão de sentido que começa por nossa relação com os símbolos.

A expressão cara a Ricoeur “o símbolo dá o que pensar”, mostra sua relevância. O símbolo não tem função apenas representativa. O símbolo é visto em sua função criativa (inovação semântica), cognitiva e crítica. O símbolo como algo que dá o que pensar significa para Ricoeur uma intencionalidade primeira que antecede e serve de base para desenvolvimentos discursivos. Esse autor propõe uma hermenêutica que respeite o símbolo como um enigma original e originário que nos interpela mesmo na autonomia de nosso discurso: “Necessitamos de uma interpretação que respeite o enigma original dos símbolos, uma interpretação que se deixe ensinar por eles, mas que, a partir daí promova o sentido na plena responsabilidade de um pensamento autônomo” (Ricoeur, P., 1960, p. 325)

É nessa perspectiva que podemos pensar numa pedagogia do símbolo. Em um mundo onde as narrativas míticas retornam mascaradas em aventuras de super heróis, uma pedagogia do símbolo pode muito bem recuperar a força do pensamento e da ontologia implícita das narrativas dos mitos tradicionais e clássicos que apontam para a esfera de sentido que antecede o pensamento racional. É a própria dialética da cultura que é retomada pelo texto que o leitor tem em mãos, ao tomar o exemplo paradigmático da intersecção entre o templo e o tempo sugerido pelas investigações de Usener, e, na sequência, retomadas por Eliade, Cassirer e Ricoeur.

O segundo texto sobre Ricoeur faz a aproximação entre o mundo vivido (*Lebenswelt*) de Husserl e a educação. O pensamento deste filósofo francês tem um de seus eixos a questão da formação de si mesmo ou da pessoa como tarefa. Seus trabalhos trazem implicitamente uma antropologia, uma visão da cultura, uma perspectiva fenomenológica e hermenêutica para a educação. Para Ricoeur a educação passa pelo reino da palavra, e afirma a força da palavra como ponto de partida para a educação: “... como universitário eu creio na eficácia da palavra que ensina.” (Ricoeur, P., p. 9).

O texto se concentra primeiramente em uma crítica de Ricoeur a Husserl e o esforço de manter a riquíssima ideia do “mundo da vida” nos limites de uma fenomenologia eidética. Esse objetivo obrigou Ricoeur a questionar o quadro da fenomenologia transcendental e idealista no qual Husserl se manteve até o final de sua vida. Enquanto Husserl pensa o *Lebenswelt* no quadro dos grandes a priori da vida que vivemos como condições a priori transcendentais (linguagem, história, corporeidade, tempo, espaço, intersubjetividade, etc.), Ricoeur se preocupa com esses a priori através dos contornos concretos históricos e temporais que a vida vivida nos mostra através de narrativas. Essa forma de repensar o mundo vivido se expressa na concepção de “um mundo da vida narrativo”. A vida vivida aparece mediada na trama

de muitos textos que a caracteriza desde os movimentos corporais até à concepção da ação responsável.

As implicações do mundo vivido e a educação saltam aos olhos: a consciência e a pessoa não são um fundo substancial do ser humano, mas são tarefas. O ser humano como tarefa forma o tecido mesmo das situações educadoras que vive. As identidades narrativas, o fundo narrativo onde todo conhecimento adquire sentido, a proposta de uma vida responsável e outros temas essenciais á educação aparecem numa nova luz.

Esse dossiê sobre Josef Pieper e Paul Ricoeur, dois pensadores essenciais de nosso tempo, oferece algumas luzes desses filósofos para a reflexão antropológica e hermenêutica em relação com a educação. Pieper e Ricoeur, apesar de inspirações distintas, um retomando de modo plenamente atual a filosofia do grande pensador da Idade Média que foi Tomás de Aquino, o outro revisando o pensamento husserliano com o enxerto da hermenêutica, são colocados lado a lado em contribuições específicas no que concerne a preocupação comum em torno da formação do ser humano.

Referências

Azevedo e Castro, M. G., **Imaginação em Paul Ricoeur**, Lisboa: Insituto Piaget, 2002.

Pieper, J. La imagen cristiana del hombre In: ____. **Las virtudes fundamentales**. 3ª. Ed. Madrid: Rialp, 2010.

Ricoeur, P., **Finitude et culpabilité**, vol II - **La symbolique du mal**, Paris: Du Seuil, 1960.

Ricoeur, P., **Histoire e Vérité**. Paris: Du Seuil, 1964.

Recebido para publicação em 06-05-18; aceito em 09-06-18